

EXU: DE DEUS MITOLÓGICO À DEMÔNIO CRISTÃO

RODRIGUÊS, Penélope Harline – RU 2414741¹

MORAES, José Carlos – RU 2548737²

RESUMO

Este artigo, tem por objetivo, demonstrar parte do percurso histórico, de uma divindade do panteão africano. Exu em sua fonte mitológica é criação de *Olòdùmarè*, o deus criador dos Orixás para a cultura africana. Exu é cultuado por diversas vertentes de matrizes africanas pelo mundo, foi demonizado por padres missionários portugueses, ainda em seu país de origem, por suas representações fálicas. Portador de uma personalidade dual, é apresentado por diversas óticas, ao longo de sua trajetória, ora é o mal feitor, desordeiro, briguento e colérico, ora o ordenador do caos, o benfeitor, e o fiscalizador da conduta humana. Migrou para o Brasil, na memória dos africanos que foram tirados do seu continente de origem, para serem escravizados no período colonial. Aos africanos escravizados, ocorreu a imposição da religião católica, eram obrigados a frequentar as missas e a jurar que estavam convertidos, para não sofrerem mais punições. Porém em forma de resistência, para manter seu culto ancestral, os africanos instalaram o sincretismo no Brasil. Assim como seu povo, Exu também resistiu ao tempo e aos pré-conceitos estabelecidos ao longo da história. Na atualidade, se faz presente, e é cultuado em diversas vertentes religiosas pelo mundo.

Palavra-chave: Exu, religião, matrizes-africanas, ritos, rituais.

1. INTRODUÇÃO

Exu em sua fonte é uma divindade do panteão africano, para os adeptos e simpatizantes da cultura lorubá e das matrizes africanas de todo o mundo. É aquele que guarda seus comungantes, e as portas de entrada dos templos, que leva as mensagens do homem para os deuses, a ele é atribuída diversas bençãos. Exu é aquele que primeiro deve ser cultuado, sua característica de um falo ereto, simboliza a fertilidade, portador supremo da vitalidade, possui uma personalidade versátil, ora é o desordeiro, ora o fiscalizador, o ordenador do caos.

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Ciências da Religião do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

² Professor Orientador do Centro Universitário Internacional Uninter.

Porém de deus mitológico africano, foi transformado em diabo cristão. A demonização de Exu, começa na África, com a chegada dos colonizadores que tinham por missão converter os nativos, e ao depararem-se com o culto aos Orixás e altares consagrados a Exu, com seu falo ereto, os católicos o associaram ao demônio, uma vez que, a Igreja Católica condenava o ato sexual. O sexo, seria somente para a procriação, sendo proibido associá-lo a momentos de prazer.

Partindo deste embate religioso, qual o percurso traçado por Exu, desde a sua fonte na mitologia africana, sua chegada ao Brasil, e motivo de ser demonizado, como foi e é cultuado por diversas vertentes de matrizes africanas, quais os ritos, rituais e símbolos que representam esta divindade, qual a evolução de Exu ao longo de sua trajetória.

Este trabalho tem por objetivo, promover a desmistificação de Exu, trazer a luz do conhecimento, parte da cultura afro, na religiosidade brasileira. Reconhecer a divindade mitológica na doutrina católica e nas religiões de matrizes africanas. Valorizar parte da cultura religiosa e histórica do Brasil. Proporcionar a visibilidade de ritos, rituais e a simbologia, praticada ao Orixá nas religiões de vertentes afro-brasileiras.

A metodologia utilizada, transcorrerá o método bibliográfico qualitativo, visto que é utilizado conceitos e opiniões de diversos autores e pesquisadores, que propõe objetivos semelhantes com o do trabalho apresentado.

2. ORIXÁ EXU, A CRIAÇÃO DA DIVINDADE MITOLÓGICA

No início a abordagem a Exu ocorre em sua fonte mitológica, a criação da divindade por *Olòdùmarè*, o deus supremo criador dos Orixás. A importância de descrever o sentido da epígrafe Orixá. Analisar a personalidade do divino, por alguns escritores e pesquisadores. Conceituar seus sentidos e emoções, viabilizando à divindade uma aproximação humana.

Ao abordar o conceito de mitologia Iorubá, se faz necessário trazer a luz do entendimento, o deus criador das divindades do panteão africano. Ao definir *Olòdùmarè*, Verger (1982), afirma que se trata de um deus de fonte contestável, inacessível a súplica humana.

Acima dos Orixás reina um Deus supremo, *Olòdùmarè*, cuja etimologia é duvidosa. É um deus distante, inacessível e indiferente às preces e ao destino dos homens.

Está fora do alcance da compreensão humana. Ele criou os Orixás para governarem e supervisionarem o mundo. É, pois, a eles que os homens devem dirigir suas preces e fazer oferendas. *Olòdùmarè*, no entanto, aceita julgar as desavenças que possam surgir entre os Orixás (VERGER,1982, p.06).

É possível compreender, que diferente do deus cristão, *Olòdùmarè*, não é um deus próximo da humanidade, não aceita uma intercessão direta, recorre de uma espécie de organização celestial. Submete os seus adeptos a uma hierarquia, onde o indivíduo deve reportar-se ao Orixá, por meio de ritos e rituais realizados nas diversas vertentes do culto africano, utilizados para invocar as divindades e realizar seus pedidos e agradecimentos. Porém como um deus que demonstra um sentido corporativo, sente a necessidade de manter a ordem, desta forma interfere nas relações de conflitos que surgem entre as divindades denominados Orixás, neste sentido como governantes e supervisores da humanidade.

Ao explicar o mito *Olòdùmarè* e a criação de Exu, se faz necessário uma contextualização, sobre o que são os Orixás, pois as terminologias são ferramentas necessárias para expandir a construção do conhecimento em torno da divindade. Segundo Prandi (2001), os Orixás são supervisores do mundo e dos seres humanos.

Para os Iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que receberam de *Olòdùmarè* ou Olorum, também chamado de Olofin em cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana (PRANDI,2001, p.20).

Olòdùmarè, criou os Orixás com atributos individuais, e cada qual recebeu uma qualidade, que é utilizada para o cumprimento de uma função específica. Desta forma cada Orixá é responsável por uma dimensão da natureza, também atuam na disposição da vida social dos indivíduos, o autor demonstra em sua citação que os Orixás interferem diretamente na vida de seus adeptos.

Ao abordar a personalidade dos Orixás e a sua interferência humana, *Sàlámì* e Ribeiro (2015), fazem a seguinte citação:

Compete aos homens solicitarem aos Orixás as forças específicas necessárias, para solução de problemas igualmente específicos. Essas forças da natureza não são boas e nem más em si mesma; são forças neutras que podem sujeitar-se a vontade humana (SÀLAMÌ, RIBEIRO, 2015, p.139).

Observa-se, que os deuses denominados Orixás, são divindades que estão sujeitas as vontades dos homens, e que realizam suas funções específicas, de acordo com o que é solicitado. Desta forma não podem ser considerados como divindades de má índole, pois, operam suas forças de forma neutra, e de acordo com que é imposto pela vontade humana.

3. QUEM É EXU, A PRIMEIRA CRIAÇÃO DE OLÒDÙMARÈ

Segundo a citação de Verger (1982), Exu Orixá é uma divindade complexa, de difícil compreensão, uma vez que as lendas mitológicas apresentam Exu como um ser de personalidade dual, desta forma o autor o descreve:

Exu é um Orixá ou um eborá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil de defini-lo de forma coerente. De caráter irascível, ele gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades públicas e privadas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto, que os primeiros missionários, assustados com estas características, compraram-no ao diabo, dele fazendo o símbolo de tudo que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição a bondade, a pureza a elevação e ao amor de Deus (VERGER,1982, p.36).

Exu Orixá é apresentado, por Verger (1982), por uma ótica negativa, praticamente irracional, demonstra na personalidade da divindade expressões de sentimentos ruins, o que o torna o mais humano dos Orixás, uma vez que estes mesmos sentimentos descritos como: grosseiro, vaidoso, maldoso. São atributos de emoções humanas, tais sentimentos expressos de forma negativa, favoreceu à demonização de Exu, pela Igreja católica e pelos cristãos de diversas vertentes.

O autor segue suas considerações, sobre a essência de Exu, segundo Verger (1982).

[...] entre tanto, Exu possui seu lado bom e se, tratado com consideração, reage favoravelmente, mostrando-se serviçal e prestativo. Ele tem as qualidades de seus defeitos, pois é dinâmico e jovial, constituindo-se assim um Orixá protetor (VERGER, 1982, p. 36).

Diante de uma perspectiva positiva, Exu é apresentado por sentimentos de amor, compreensão, humildade, empatia, bondade, benevolência, alegria, uma vez que o autor demonstra em sua citação, que a divindade possui todas as qualidades, de seus defeitos, o

que o torna antônimo, quer dizer, que do mesmo modo que carrega em seu âmago o negativo, possui também todas as emoções positivas.

Exu Orixá, por seus adeptos é cultuado como o Orixá da comunicação, aquele que leva os pedidos ao “Òrun” (céu). Desta forma sem Exu, não se faz nada, ele é o primeiro que deve ser ofertado, para que haja a intercessão junto aos Orixás. Também é uma espécie de guardião, com uma função de sentinela, Exu guarda as portas dos templos, entradas das cidades e aldeias, diante destas funções, é uma divindade sem limitações de fronteiras, pois onde existe um princípio lá está Exu Orixá.

Dentre as definições da personalidade de Exu, por diversos autores, é possível altear uma questão: E se Exu, relatasse a sua própria personalidade? O que ele mesmo diria a seu respeito? Cravo Junior (2017), tece um poema, em homenagem a Jorge Amado, perfazendo a alusão de Exu por Exu, em um trecho de seu poema o autor descreve:

Não sou preto, branco ou vermelho; Tenho as cores e a forma que eu quiser. Não sou diabo, nem santo, sou Exu! Mando e desmando, traço e risco, faço e desfaço. Estou e não vou, tiro e não dou, sou Exu. Sou do mundo, nem do campo, nem da cidade. Não tenho idade. Sou agito, vida, ação. Sou Exu! (CRAVO JÚNIOR, 2017, online).

No que tange a esfera do divino, não existe uma limitação para compreender Exu, a primeira criação de *Olòdùmarè*, em sua fundamentação, é uma divindade versátil, inconstante totalmente mutável. Exu é o caos e a ordem. Pode ser descrito, com um comportamento inadequado, é ao mesmo tempo como um supervisor da conduta humana, da moral e dos bons costumes, é a ação e a reação. Como um agente fiscalizador entre o bem e o mal.

No que concerne o percurso histórico de Exu, desde o panteão africano, é possível observar que a divindade é cultuada e adorada em diversas vertentes da cultura lorubá, pelo mundo. Do mesmo modo, também ocorre um embate religioso, causado pela personalidade da divindade, e por seu atributo fálico, o que viabiliza diversos pré-conceitos, racismo religioso e censuras ao longo de sua trajetória histórica.

3.1 A CHEGADA DOS AFRICANOS AO BRASIL E O PACTO O “PADROADO”

Estima-se que cerca de 5 milhões de nativos africanos, tenha sido inserido no Brasil por meio do regime escravocrata. A chegada dos primeiros navios negreiros se deu por volta de 1550. A inserção dos negros escravizados no Brasil, tinha por objetivo a substituição do trabalho escravo indígena, tal fato teria sido motivado, por questões raciais e econômicas.

Neste período colonial, existia um pacto vigente entre a Igreja Católica e coroa portuguesa, chamado de “O Padroado Português”. O acordo tinha como função o fornecimento de um conjunto de privilégios financeiros e administrativo da coroa sobre a Igreja. No que concerne à Igreja, os padres da “Ordem de Jesus”, chamados de jesuítas, tinha por missão catequizar e converter os nativos das terras descobertas pelos portugueses.

Neste sentido, enquanto a coroa ao desbravar novas terras, buscava riquezas e poder econômico, a Igreja tinha por ambição a propagação da fé por meio de novos adeptos, a expansão e a consolidação da mesma pelo mundo. Assim sendo, o acordo firmado, consentia ambas as partes.

A Igreja a todo custo, impondo suas crenças, praticando racismo religioso, apoiava-se na coroa portuguesa, enquanto a coroa realizava barbáries em torno de um regime escravocrata e desumano sendo apoiada pela igreja.

Considerando os princípios litúrgicos da Igreja Católica, que viabiliza em sua fundamentação, os ensinamentos de Jesus, que eram direcionados a boa conduta moral e espiritual, com práticas voltadas a caridade, ao amor e a união, dando ênfase para um sentido justo em suas atitudes. A Igreja, neste período colonial do Brasil, demonstrou por meio de seus representantes que os ensinamentos de Cristo, que fundamentaram a religião Católica, perderam a sua essência, e foi possível observar um cenário, de apoio à deterioração humana. Compactuando com o terror imposto a seres humanos inocentes, tirados de suas terras de origem, e conduzidos para diversas partes do mundo, inclusive para o Brasil, sofrendo todo tipo de perdas, culturais, emocionais, familiares e religiosas. Os africanos, eram escravizados e deveriam trabalhar, à base de espancamentos, sob provas de mutilações, que muitas vezes levavam os indivíduos à morte.

No que tange a imposição doutrinária católica, os africanos estariam sendo submetidos à escravidão como uma recompensa divina, a fim de absolver-se de seus

pecados, por cultuar suas divindades, demonizadas por sacerdotes missionários católicos, ainda em suas terras de origem.

Por meio do regime escravocrata, os africanos escravizados, receberiam a remissão de seus pecados de um “Deus- Branco”, pregado pelos seus representantes como sendo bondoso, puro e imáculo. Mas que ao se tratar dos africanos escravizados, era representado pelo “senhor capataz”, aquele que era malvado, cruel e inescrupuloso.

A partir deste cenário caótico e desumano, se inicia o embate religioso, envolvendo a Igreja Católica e os Africanos, no Brasil. Os africanos traziam em suas memórias o culto ancestral aos Orixás. Enquanto a Igreja praticava racismo religioso, não respeitando as diferenças culturais e religiosas dos africanos escravizados.

3.2 A demonização de Exu

Exu Orixá, foi demonizado em sua fonte mitológica, com a chegada dos padres colonizadores no continente africano. Ao se depararem com o culto aos Orixás, observaram diversos “assentamentos” de Exu, construídos de barro, com uma representação fálica de tamanhos desproporcionais ao humano. Os assentamentos são representações simbólicas das divindades, denominadas Orixás, é onde seus adeptos fazem suas oferendas, rezas e cultuam à divindade, pode ser análogo ao altar cristão.

Desde os primórdios a Igreja tende a reprimir a sexualidade no sentido do prazer. Para a doutrina católica, o ato sexual é sacramental, deve ser realizado, somente após o casamento e com a finalidade de procriar.

Não existem escrituras e fatos históricos para fundamentação doutrinária católica, de que Jesus Cristo rejeitasse o prazer ligado às sensações do corpo. Desta forma a rejeição da sexualidade no sentido do prazer passa a ser vista como pecado, a partir da influência da filosofia grega sobre a corrente filosófica Patrística.

Santo Agostinho um dos maiores expoentes desta corrente, partia do princípio que o corpo teria que ser santificado, desta forma a sensação de prazer ligada ao ato sexual tornaria o ser humano impuro, portanto pecador, e o sexo seria permitido somente depois do casamento, em um sentido natural, apenas para continuação da espécie humana.

Sobre a influência de Santo Agostinho, na doutrina da Igreja Católica, quem seria Exu? Se não o diabo cristão! Excitado e excitando a humanidade ao prazer, por meio de seu falo ereto.

Oposto do que prega a doutrina católica a representação fálica ereta de Exu, no culto *Iorubá* possui um sentido vital, uma vez que para cultura africana, o falo é um símbolo de procriação, o que garante a continuação da espécie humana. Exu é cultuado como o portador supremo da vitalidade, o senhor viril, forte e vigoroso.

Na cultura africana, não existe a soberania do homem nem de seus próprios deuses, pois, para os africanos suas divindades são seus ancestrais. Deste modo, os deuses africanos possuem características, emoções e vontades semelhantes à dos humanos. E desta forma para os comungantes do culto aos Orixás, o falo ereto de Exu nada mais é, do que a representação dos desejos constituídos na mente humana. Uma vez que os Orixás são divindades neutras que servem as vontades de seus adeptos.

Porém para o sentido de servir, *Sàlámì* e Ribeiro (2015), citam que os Orixás realizam o auxílio aos seus comungantes como um ato de nobreza.

Os orixás servem ao homem, sim, mas com a conotação do servir como a mais nobre das ações exercidas por ser em benefício de outros. Não se trata, pois, de servir de um modo subserviente, mas nobremente, dado que as oportunidades de servir desencadeiam fluxos de energia que beneficiam, tanto o receptor quanto o doador (*SÀLÁMÌ, RIBEIRO, 2015, p.151*).

Desta forma, ao abordar o ato de servir dos Orixás, assim como também de Exu, *Sàlámì* e Ribeiro (2015), elucidam que o fato de as divindades serem fatores neutros, e servirem as vontades dos homens, não os fazem servos no sentido de escravos, das vontades de seus comungantes. Mas sim de prestar auxílio aos seus adeptos. E este ato solidário para com o homem, viabilizaria benefícios para ambas as partes.

3.3 Exu chega ao Brasil

Exu chega ao Brasil, não por meio de altares, imagens ou representações simbólicas. Chega com as lembranças do seu povo que mesmo escravizados, humilhados e maltratados, não esqueceram de sua fé ancestral, dos ritos e rituais concedidos aos seus deuses africanos.

Aos africanos escravizados, ocorreu a imposição da religião de seus senhores brancos, à religião católica. Os africanos, eram obrigados a frequentar as missas, e a jurar que estavam convertidos, para não sofrerem mais punições. Foram proibidos de praticarem a religião de seu país de origem. Diante desta negação a suas raízes religiosas, a necessidade de manter a fé e o culto aos seus Orixás, foi mais forte. Astutos e versáteis como seu ancestral Exu, os africanos escravizados, instalaram o sincretismo no Brasil.

Desta forma como Exu é a própria dualidade, que faz o certo ficar errado, e o errado ficar certo, os africanos passam a cultuar seus Orixás, sincretizados em imagens católicas. Foi a maneira encontrada pelos africanos escravizados, de ocultar seus deuses negros, nos santos brancos de seus senhores.

Ao discorrer sobre sincretismo Verger (1982), refere-se a Nina Rodrigues, como pioneiro a indagar e pesquisar sobre o tema:

Nina Rodrigues constatava que, em fins do último século, a conversão religiosa não fez mais que justapor as exterioridades muito mal compreendidas do culto católico às suas crenças e práticas fetichistas que em nada se modificaram. Concebem os seus santos ou orixás e os santos católicos como de categoria igual, embora perfeitamente distintos. Os africanos escravizados se declaravam e aparentavam convertidos ao catolicismo; as práticas fetichistas puderam manter-se entre eles até hoje quase tão estremes de mescla como na África (VERGER,1982, p.86).

Ao apontar em “fins do último século”, Verger (1982), estava se referindo ao século XIX, período em que Nina Rodrigues, pesquisava a respeito. O autor contextualizou que embora mal compreendido o sincretismo, permitia igualar os santos aos Orixás, pois a fé, independe de religião.

Para não serem castigados os africanos escravizados, juravam a fé católica, porém à prática do sincretismo, permitia a realização do culto aos Orixás, semelhante ao culto realizado no continente africano. Verger (1982), conclui a citação de Nina Rodrigues, e comenta o fato dos africanos e seus descendentes terem se tornados simpatizantes:

Com o passar do tempo, com a participação de descendentes de africanos e de mulatos cada vez mais numerosa, educada num igual respeito pelas duas religiões, tornaram-se eles tão sinceramente católicos quando vão à igreja, como ligados às tradições africanas, quando participam, zelosamente, das cerimônias de Candomblé (VERGER, 1982, p.86).

Conclui-se que o sincretismo, tornou-se incontestável através dos séculos. O respeito constituído a Igreja Católica e aos seus santos, pelos africanos e seus descendentes, com o passar do tempo, foi sucedendo as gerações, e o que observa-se na atualidade, é que, os adeptos das diversas vertentes de matrizes africanas, são praticantes de variados ritos e rituais católicos, mas mantêm como prática principal, a sua religião de origem.

4. AS DIVERSAS VERTENTES DE MATRIZES AFRICANAS, E A PRESENÇA DE EXU

Como foi exposto anteriormente os africanos escravizados passaram a praticar sua religião de origem, por meio do sincretismo nos santos católicos. A partir deste tema se faz necessário, trazer a luz do conhecimento como ocorreu o início dos cultos aos Orixás no Brasil.

Os cultos afro, se deu origem por meio de um conjunto de culturas, que se encontram em terras brasileiras. Os africanos escravizados trouxeram o culto ancestral aos Orixás, o pacto português entre a coroa e a Igreja proporcionou a vinda da doutrina católica, e os nativos brasileiros já realizavam ritos e rituais aos seus deuses indígenas. A partir desta miscigenação cultural, nasce no Brasil novas vertentes religiosas.

No que concerne, o culto aos Orixás, e as novas vertentes que foram surgindo, os ritos e rituais, não obedeciam a mesma ordem, uma vez que os africanos escravizados migraram de diversas aldeias africanas e embora todos tinham em comum o culto aos Orixás, havia diferenças nas práticas ritualísticas. Dentre as diversas denominações que foram surgindo por meio do hibridismo cultural e religioso, que resistiram ao tempo, os que se tornaram mais populares no Brasil foram: Candomblé, O Xangô, Umbanda, Tambor de Mina, Batuque do Sul, Quimbanda. Em todas estas religiões citadas, está presente o culto à Exu, exceto Tambor de Mina.

O mensageiro que leva os pedidos do homem para os deuses, em toda a sua versatilidade subdividiu-se entre as novas vertentes religiosas. Manteve a sua essência e função principal, além das que foram surgindo. Porém, foi batizado por diversos nomes: Exu, *Esù*, *Esú Odará*, *Elegbarà*, *Barà*, e mais uma infinidade, de nomes concedidos aos chamados, Exus “falangeiros” e “catiços”. A comunicação com seus comungantes se mantém por meio dos jogos de adivinhações, como: búzios, *opelè-ifá*, jogo de *obi*, e

algumas vertentes utiliza-se da incorporação. Exu é saudado nas matrizes africanas, por “*Laroyê Exu, Exu é mojubá!*” Que significa Mensageiro Exu, a ti meus respeitos!

4.1 Ritos, rituais e simbologia à Exu, nas matrizes africanas

Ao explanar as formas de manifestação da fé, por meio de ritos e rituais, cita-se que tais acontecimentos se dão em espaços sagrados. Ao tratar-se da questão de espaço, para as religiões de matrizes africanas que são consideradas animistas, pelo fato de existir a incorporação, e politeístas por professar a fé em vários deuses, Faria (2018) cita que para estas denominações o conceito de sagrado, toma outras proporções:

Nas religiões tradicionais, animistas e politeístas, o conceito de sagrado se expande conforme as divindades cultuadas, que muitas vezes representam as forças da natureza ou estão associadas a ela. Neste sentido o sagrado está presente em muitos ambientes, como mata, água, o fogo, o vento, a montanha e assim por diante (FARIA, 2018, p. 153).

Assim sendo, ao abordar a questão de espaço sagrado para as religiões de matrizes africanas, podemos compreender que ritos e rituais concedidos as divindades, vão além das dimensões de um templo.

No que refere à Exu, concebe-se que onde existe um entroncamento de ruas, estradas, avenidas, caminhos etc., se faz presente o culto à Exu, desta forma constitui-se também em espaços sagrados. As encruzilhadas são utilizadas para às práticas de oferendas, no intuito de realizar pedidos e agradecimentos.

Nas religiões de matrizes africanas em que Exu está presente, existem diversas cerimônias, saudações, cânticos, danças e objetos representativos que por meio de experiências humanas, no que tange a fé passa a ter um sentido mágico, ou seja, um objeto comum se torna um símbolo religioso, tais manifestações são chamadas de ritos que reunidos se forma um ritual.

4.2 Ritos e rituais contemplados à Exu na Umbanda

A Umbanda é uma religião brasileira, fundada por Zélio de Moraes, no ano 1908, por meio do espírito denominado entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas.

O espaço Sagrado é chamado popularmente de terreiro ou templo. No que tange a organização religiosa existe a manifestação de espíritos denominados entidades. Na Umbanda existe a divisão dos espíritos pelo que é chamado de linhas. E cada linha corresponde a um trono divino, que atua em um determinado campo vibracional dos seus adeptos, na natureza e no espaço.

Exu Orixá, lidera a “linha da esquerda”, e sobre o seu comando existem diversos espíritos denominados entidades, que realizam o que é chamado de trabalho espiritual, por meio de um ritual denominado gira, que é conduzida por um sacerdote, popularmente conhecido como “pai de santo”. As entidades utilizam-se de elementos como bebida, fumo, velas etc. Na Umbanda não existe sacrifícios de animais, e à Exu é ofertado um prato denominado de “*padê*”, uma mistura de farinha com cachaça. Os símbolos religiosos são colares denominados fios de contas utilizados para proteção dos médiuns, e geralmente cada colar representa uma divindade desta vertente. As vestimentas, utilizadas pelos fiéis, para os rituais da chamada “linha da esquerda”, em sua maioria é preta, vermelha e branca.

Na Umbanda se faz o uso do sincretismo onde cada santo católico, corresponde a um determinado Orixá. Exu Orixá em muitas regiões do Brasil é sincretizado em Santo Antônio. Existem também diversas estatuetas que representam os espíritos, denominado entidades, neste sentido também representam Exu.

Os chamados ritos de passagem são batismo e casamento. Existe também o uso da música que são cânticos denominados pontos, que são entoados por seus comungantes para suas divindades, com o auxílio do toque do atabaque.

Em relação a linguagem sagrada, não existe uma determinada escritura ou liturgia a ser seguida. No entanto na atualidade, existe vários livros publicados, por diversos seguidores desta vertente, no intuito de sistematizar e organizar a doutrina.

4.3 O culto à Exu no Candomblé, Xangô e Batuque do Sul

No que tange as vertentes religiosas Candomblé, Xangô e Batuque do Sul, é a semelhança das práticas ritualísticas. A Nação de Xangô concentra-se com mais intensidade na região do Nordeste do país, enquanto o Batuque tem a sua maior concentração no Sul. O Candomblé para além de sua concentração no nordeste do país, subdivide-se em

variadas organizações pelo que é denominado de “nações”, neste sentido é praticado em diversas regiões do Brasil.

Os locais considerados sagrados, para estas vertentes são denominados, terreiro, terreira, *ylê asè*, casa de axé e roças. Nestes locais são realizados cultos para as divindades denominadas Orixás, tais cerimônias geralmente são conduzidas por líderes espirituais conhecidos popularmente por pai ou zelador de santo.

A organização religiosa se dá por meio do culto e da incorporação de divindades intituladas Orixás, que são para os seus fiéis manifestações divinas, representantes de alguns elementos da natureza. Os Orixás, atuam e interferem, diretamente na vida e na conduta de seus comungantes.

Exu Orixá está presente em todas as nações, sendo o primeiro a ser cultuado nestas vertentes. Exu é mensageiro e protetor das casas de axé. Desta forma à Exu, é ofertado um prato denominado de “*padê*”, feito de farinha, cachaça, e dendê que geralmente é deixado nas entradas dos templos, em todo início ritualístico. Em muitas ocasiões também é oferecido à Exu o sacrifício animal.

Para, além de Orixá, Exu apresenta-se como espíritos semelhantes das entidades da Umbanda, porém são chamados nestas religiões de “*catiços*”. A estes espíritos são ofertados diversas bebidas alcoólicas, fumo, sacrifícios animais e cerimônias denominadas de festas, estas divindades são cultuadas como protetor pessoal de seus adeptos.

Os símbolos religiosos utilizados para os rituais em sua maioria são colares denominados de fios de conta utilizados como amuleto de proteção pelos fiéis destas denominações, as vestimentas são coloridas e correspondentes as divindades. Existe também o que é chamado de assentamento, que são um conjunto de objetos simbólicos, geralmente colocados dentro de vasilhas de barro, porcelana ou metal de cobre. Estes objetos representam e correspondem a uma determinada divindade, cultuada nesta vertente.

Os rituais de passagens são: feituuras, iniciações e obrigações ritualísticas que geralmente são realizadas a cada 7 anos. Existem também cerimônias como: batismo, casamentos e funerais. Dentre os diversos rituais sagrados, está prática do jogo de adivinhação com búzios. São entoados cânticos em louvores aos Orixás, no dialeto africano *lorubá* e em português, com o auxílio de tambores, e atabaques.

As linguagens Sagradas não se apoiam em um livro. As doutrinas e as tradições dos ritos, rituais e a conduta moral de vossos seguidores, são perpetuados por seus ancestrais desde o tempo da escravidão.

4.4 Exu na Quimbanda

A origem da Quimbanda se deu por meio de uma mistura de cultos africanos e indígenas. Esta vertente concentra o seu culto especificamente em ancestrais, que seriam espíritos anteriormente encarnados no planeta terra, e que hoje atuam como entidades “quimbandeiras”. Estes espíritos, assumem pseudônimo de Exu no masculino e Pomba-Gira quando se apresentam como espíritos feminino. Assim como na Umbanda estas entidades têm diversos nomes como: Tranca-Ruas das Almas, Exu Morcego, Exu Rei, Pomba-Gira Rainha, Bombo Gira, Exu-mulher, entre outros.

Os espaços sagrados são denominados templos religiosos, reinos, terreiros e ainda são realizados diversos rituais em cemitérios.

No que tange a organização religiosa, o culto à Exu na Quimbanda divide-se no que é denominado Reinos, onde uma determinada divindade chefia um reino e tem sobre seu domínio diversos espíritos de exus que em conjunto compõe uma falange.

O povo da rua como são chamados utilizam-se de diversos símbolos religiosos. Assim como as outras vertentes apresentadas, fumo, velas, bebidas alcoólicas, sacrifício animal, também faz o uso de fio de contas como proteção ou amuleto. As vestimentas são sempre, preta e vermelha. São realizados assentamentos, ou seja, um conjunto de objetos simbólicos correspondentes às divindades, que possuem um sentido de proteção e força dos Exus para seus seguidores. Em vossos templos existem cadeiras paramentadas conhecidas como trono, que são utilizadas pelos sacerdotes, quando incorporado da sua entidade, denominado Exu chefe.

Os rituais de passagens são nomeados de “obrigações”, nestes ritos existem as práticas de sacrifícios animais. Também são realizadas diversas cerimônias, denominadas de festas, com o intuito de prestar homenagens e agradecimentos as divindades desta religião.

No que tange as escrituras sagradas, esta vertente assemelha-se, as outras denominações afro-brasileiras. Na Quimbanda não existe uma escritura ou liturgia a ser

seguida, os ritos e rituais concedidos aos deuses, são perpetuados por seus seguidores mais antigos, porém na atualidade, assim como na Umbanda, existem diversos livros, que viabilizam aos novos adeptos, um princípio doutrinário.

5. METODOLOGIA

Com o propósito de obter os resultados esperados neste trabalho, a partir do tema de pesquisa, que tem por objetivo traçar o percurso histórico de Exu, desde a sua fonte mitológica e proporcionar a visibilidade de parte da cultura histórica e religiosa do Brasil, expor as representações da divindade, os símbolos, ritos e rituais realizados pelos comungantes das religiões de matrizes africanas.

Foi utilizado o método bibliográfico qualitativo, e para expor a viabilidade da utilização do método, se faz necessário conceituá-lo. Segundo *Flick* (2013, p.23) “a coleta de dados é concebida de uma maneira muito mais aberta, e tem como objetivo um quadro abrangente possibilitando pela reconstrução do caso que está sendo estudado”.

Desta forma o método de pesquisa qualitativo proporciona diversos caminhos para pesquisa, viabilizando uma maior absorção de conhecimento em torno do tema proposto. Foram pesquisados diversos materiais bibliográficos, assim como publicações de teses e banco de dados de trabalhos acadêmicos. Com o intuito de alcançar material suficiente, para viabilizar a estruturação adequada em torno da problematização do assunto abordado.

A definição metodológica viabilizou a utilização de obras do escritor Pierre Verger, por uma ótica analítica que sistematiza os fatos por meio de métodos de pesquisas e vivência religiosa, o autor possibilitou uma visão ampla e minuciosa do tema abordado. Em sua obra, os “Orixás” é possível observar o percurso do mito, sua personalidade versátil, assim como também suas qualidades e imperfeições, perfazendo uma aproximação humana da divindade mitológica, abordada nesta pesquisa.

O professor e escritor Adriano Antônio Faria, em sua obra “Filosofia da Religião”, possibilitou a absorção do conhecimento em torno dos conceitos utilizados neste trabalho, como mito, ritos, rituais e simbologia. Viabilizando a sistematização e organização de forma clara, da problematização e conceituação desta pesquisa.

Desta forma este trabalho transcorreu o método bibliográfico qualitativo, que possibilitou a investigação e coleta de dados importantes, proporcionando embasamento para fundamentação teórica, no intuito de obter um resultado significativo, em torno da problematização, organização, e sistematização, do tema abordado, tendo em vista se tratar de um assunto histórico, cultural e religioso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratarmos de Exu, nesta pesquisa foi possível observar sua versatilidade apresentada por diversas óticas. Apresenta-se com uma personalidade dual, ora desordeiro, mal feitor, briguento, depravado e demonizado por seus atributos fálicos. Em outro momento, o senhor ordenador do caos, fiscalizador dos bons costumes da moralidade humana, que ampara e auxilia aqueles que nele tem fé.

Observa-se que tal representação aproxima a divindade da personalidade humana. O que nos leva a compreender, que apesar de suas funções específicas e insubstituíveis, apontadas por seus comungantes, de mensageiro do homem para com os deuses, assim como todos os Orixás do panteão africano. Exu possui uma neutralidade perante os pedidos dos homens, desta forma serve aos desejos humanos, portanto seus feitos não se trata de suas vontades em si mesmo, mas da vontade dos homens de suprir suas necessidades mundanas, e por muitas vezes inconsequentes e egocêntricas. O que viabiliza a construção da representação negativa e mal feitora da divindade.

Ao abordar o tema proposto neste trabalho de pesquisa, que transcorreu, o percurso histórico e religioso de uma divindade e seus adeptos, desde sua fonte mitológica até a atualidade. Assim, é necessário levar em consideração o sentido da transcendência, desta manifestação religiosa por meio da fé.

A religião por si, viabiliza ao indivíduo um conjunto de fatores culturais e simbólicos, manifestados por meio de ritos e rituais, no intuito de proporcionar a ligação humana, para aquilo que está além do mundo natural. A transcendência de uma determinada divindade por meio do sentido da fé, está para além do tempo e do espaço físico.

Desta forma foi possível observar no percurso histórico de uma determinada etnia, que manter a crença e a fé naquilo que proporciona sua ligação com o sagrado, vai além de suas limitações físicas e de imposições humanas. Uma vez que mesmo escravizados e

tirados de suas origens, tendo sofrido diversos tipos de perdas físicas, familiares, emocionais, inclusive simbólicas de seu culto ancestral, e sendo obrigados a declarar conversão à outra denominação, ancorados naquilo que anteriormente lhes foram concedidos por seus ancestrais como valores religiosos, mantiveram a sua fé, manifestada mesmo que de forma velada.

A resistência da fé de um determinado grupo étnico, proporcionou, a manifestação, a criação e a organização, de diversas vertentes ao longo do tempo, criando raízes culturais e históricas, viabilizando na atualidade o que conhecemos por esta miscigenação religiosa praticada no Brasil.

Exu, o Orixá milenar forte e versátil, o comunicador e mensageiro entre os mundos, aquele que está presente em todas as esferas. A divindade de múltiplas faces, resistiu à imposição e pré-conceitos, de outras denominações, sobre suas representações. Atravessou o continente na memória de seu povo, se instalou no Brasil, dividiu-se em várias vertentes, multiplicou seus pseudônimos, possui diversas representações nos cultos afro-brasileiros e na atualidade se mantém vivo e atuante nas diversas manifestações de fé, daqueles que o cultuam.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**: Vol. 1. 2ª. ed. Tradução: Pereira. J. D. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

AGOSTINHO, S. **Os pensadores**. Tradução: Oliveira. J.S.; e Pina. A. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ALVES, A. C. Z. **Quando o certo é errado e o errado é certo**: Reinações e Peripécias de Exus no Brasil. 2013. 167 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305858300_Quando_o_Certo_e_Errado_eo_Errado_e_Certo_Reinacoes_e_Peripecias_de_Exus_no_Brasil. Acesso em: 14 de abr. 2020.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. Tradução: Capellato. M. E.; Krähenbühl. O. São Paulo: Pioneira, 1985.

COSTA, O. S. **Exu, o orixá fálico da mitologia nagô-yorubá**: Demonização e sua resignação na umbanda. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/864>. Acesso em: 28 de maio 2020.

CRAVO JÚNIOR, M. **Poema Exu para Jorge Amado**. Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2017/10/08/poema-de-exu-por-mario-cravo-jr/>. Acesso em: 05 de mar. 2020.

FARIA, A. A. **Filosofia da Religião**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

FLICK, U. **Introdução a metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes**. Tradução: LOPES, M. Porto Alegre: Penso, 2013.

LIMA, L. C. **Homossexualidade e Igreja Católica** – Conflitos e direitos em longa duração. Revista do departamento de serviço social Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 04-13, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>. Acesso: 17 de abr. 2020.

MENDONÇA, E. **Rituais de Quimbanda linha de esquerda**. São Paulo: Anubis, 2016.

PEIXOTO, N. **Exu o poder organizador do caos**. Porto Alegre: Besouro Box, 2016.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Schwarcz, 2007.

PEREIRA, T. A. P. **A Igreja Católica e a Escravidão Negra no Brasil A Partir Do Século XVI**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 05, Vol. 5, p. 14-31. 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/igreja-catolica>. Acesso em: 21 de abr. 2020.

KILEUY, O.; Oxaguiã, V. de. **O candomblé bem explicado, nações bantu, lorubá e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SÀLÂMÌ, S. K.; RIBEIRO, R. I. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Oduduwa, 2011.

SARACENI, R. **Livro de Exu, o mistério revelado**. São Paulo: Madras, 2005.

SARACENI, R. **Fundamentos Doutrinários de Umbanda**. São Paulo: Madras, 2012.

SILVA, D. N. **Escravidão no Brasil. Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso: 10 de abr. 2020.

VERGER, P. **Lendas africanas dos orixás**. Salvador: Corrupio, 1997.

VERGER, P. **Orixás**. Salvador: Pierre Verger, 2018.